

**A LUSODESCENDÊNCIA EM LITERATURA:  
ESCRITAS DE HERANÇA OU DE ERRÂNCIA?**

**LUSODESCENDENCE IN LITERATURE:  
HERITAGE OR WANDERING WRITINGS?**

**Isabelle Simões Marques**

Universidade Aberta e NOVA-CLUNL  
<https://orcid.org/0000-0002-3155-3762>

**Nota curricular da autora:** Professora Auxiliar do Departamento de Humanidades na Universidade Aberta. É Investigadora Doutorada do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) e Colaboradora do Laboratório de Educação a Distância e eLearning (LE@D) da Universidade Aberta, no qual coordena o projeto EL@N (Ensino de Línguas Online). É doutorada em Linguística – Análise do Discurso (em cotutela com a Université Paris 8, França) e é autora de uma tese sobre o plurilinguismo no romance português contemporâneo (2009). Tem desenvolvido e publicado trabalhos de investigação no âmbito dos estudos da análise (crítica) do discurso, da sociolinguística, da didática das línguas estrangeiras, privilegiando igualmente os estudos sobre o plurilinguismo, as migrações e as representações.

**Resumo:** No nosso texto, refletimos sobre o conceito de literatura migrante, mais particularmente a literatura produzida por

[https://doi.org/10.14195/978-989-26-2378-8\\_11](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2378-8_11)

descendentes de emigrantes em França e publicada em língua francesa. Para tal, abordamos primeiro esta noção na literatura e procuramos compreender o conceito de literatura migrante que está ligado a narrativas (auto)biográficas. Desta forma, analisamos dois autores que destacam o Outro e a alteridade nas suas obras. Analisamos os romances de Bernadette Ferreira e de Carlos Batista, dois autores lusodescendentes que evocam as suas origens portuguesas e cujas obras têm como pano de fundo a emigração portuguesa em França. Na medida em que as literaturas migrantes constroem um “espaço problemático, um espaço onde todo o fictício da identidade e pertença podem desdobrar-se, ser questionados e distanciados” (Robin, 1997: 8, tradução nossa), analisamos como a questão da identidade, da língua e da pertença estão problematizadas nas obras destes dois autores, que foram ambas publicadas em 2005.

**Palavras-chave:** Literatura migrante, Lusodescendentes, Narrativas (auto)biográficas, Emigração portuguesa em França, Identidade, Língua, Pertença.

**Abstract:** In this text, we reflect on the concept of migrant literature, more particularly the literature produced by descendants of emigrants in France and published in French. To this aim, we first address this notion in literature and we try to understand the concept of migrant literature that is linked to (auto)biographical narratives. Thus, we analyse two authors who highlight the Other and otherness in their works. We analyse the novels written by Bernadette Ferreira and by Carlos Batista, two Portuguese-descendant authors who evoke their Portuguese origins and whose works have as a backdrop the Portuguese emigration in France. To the extent that migrant literatures builds a “problematic space, a space where all the fictitious identity and belonging can unfold, be questioned and distanced” (Robin,

1997: 8, our translation), we analyse how the issues of identity, language and belonging are problematized in the works of these two authors both published in 2005.

**Keywords:** Migrant literature, Lusodescendants, (auto)biographical narratives, Portuguese emigration in France, Identity, Language, Belonging.

## **Introdução**

A literatura migrante refere-se a uma categoria literária específica da escrita em contexto de deslocação. Apesar de o uso do termo ser recente, esta categoria literária existe desde que o Homem se moveu pela primeira vez e que expressou, através de palavras, a dor da separação, a emoção da aventura, o medo do desconhecido, o choque da surpresa, a tristeza do exílio, a raiva da rejeição, a crueldade da vida e a alegria do (re)encontro. Desde o início da Humanidade, o Homem nunca deixou de se mover, por vezes em fuga de uma guerra, ou em busca de um ideal ou de uma vida melhor (fugir de uma guerra não é diferente de ser um dissidente nem diferente de um migrante). E, em todos os seus movimentos, o Homem encontrou na escrita a melhor forma de desafiar o silêncio e expressar os seus sentimentos, as suas opiniões e cantar os seus ideais. Guerras e certas circunstâncias sociais, económicas, políticas e geográficas conduziram a movimentos migratórios, dando origem a esta categoria literária.

## **Literatura migrante, emigração portuguesa e lusodescendência**

Podemos afirmar que o contexto de colonização e ocupação de territórios, ao longo do século XX, explica o surgimento de fortes

correntes de literatura de migração. Este contexto é favorável ao estabelecimento de uma corrente notável de escritores migrantes francófonos. Sendo a França uma terra de imigração, a literatura também ostenta a marca desse país. No entanto, a utilização da categoria “literatura migrante” ou “literatura de imigração” é recente (ver Pinçonat, 2000; Delbart, 2010; Declercq, 2011; Vieira, 2012; Matozzi, 2019), e estas obras gozam de um estatuto que permanece ainda um pouco marginal. Em algumas delas, insistia-se na ligação ao país de origem, enquanto obras mais recentes se têm voltado para a exploração do hibridismo e da transcultura nascida da experiência da migração. Podemos dizer que a forma como a experiência da migração é encarada mudou: enquanto, antigamente, era visto como um período de transição, associado a uma esperança (por mais ilusória que fosse) de regresso, as novas gerações instalaram-se nesse espaço intermédio, onde uma nova identidade pode ser negociada de forma assumida. Este é também o período em que os filhos de imigrantes começam a escrever. A literatura migrante é, portanto, a literatura produzida por escritores ligados às migrações, ou seja, escritores que viveram, de facto, a experiência de passar ou estabelecer-se noutra país, ou que nasceram de pais emigrantes.

Vemos que este tipo de literatura é definida, em parte, por um critério sociológico, mas, sobretudo, pela implementação de uma certa poética (temas da migrância, do luto, da relação problemática com o espaço, com a língua, com o meio, etc.) (ver Harel, 2005). De facto, a literatura migrante não é simplesmente uma literatura de exílio ou de deslocação. A emergência deste tipo de literatura está intimamente ligada a um contexto específico: o fenómeno da mundialização e a importância crescente dos fluxos migratórios. Por esta razão, a literatura migrante também está associada à estética pós-moderna, que enfatiza o questionamento de grandes narrativas, nomeadamente através da fragmentação ou do “patchwork”. Com a escrita da imigração, a noção de literatura nacional é abalada e os

temas da descentralização, da incerteza, da indefinição, da fronteira ou da mudança de identidades estão muito presentes. Os autores veem, cada vez mais, a experiência da deslocação e as identidades transculturais que esta implica, como a própria condição da identidade na era da mundialização. Esta literatura reflete o estado de espírito dos autores no contexto de migração, procurando sempre a forma adequada para se posicionar e situar.

Se a literatura produzida por descendentes do Norte de África, vulgarmente conhecida como literatura “Beur”, é analisada e estudada em França (ver Laronde, 1993; Bonn, 1996), a reputação de invisibilidade da emigração portuguesa também se aplica à literatura (ver Mendes, 2007). Ao contrário dos jovens de origem norte-africana, que parecem sofrer de um excesso de visibilidade, os jovens de origem portuguesa há muito que se queixam de serem invisíveis. Mas, embora os movimentos de identidade de origem norte-africana sejam amplamente conhecidos, tanto nos meios de comunicação social como a nível científico, os dos jovens de origem portuguesa continuam menos conhecidos (Pingault, 2004). A questão da receção do discurso desta segunda geração de emigrantes portugueses e da sua relevância para a experiência da sua geração permite-nos, no entanto, lançar alguma luz sobre esta “maioria silenciosa”. Estes “portos”, como se têm chamado a si próprios (Muñoz, 1999), foram contra a ideia amplamente aceite em França de que os imigrantes menos visíveis são os mais bem integrados e não apresentam problemas, em comparação com outras comunidades mais visíveis e mais problemáticas. Os filhos de emigrantes portugueses tornaram visível tanto um sinal de integração política como uma causa de integração social, que tornaria inevitável o “confronto necessário com a sociedade francesa”, ela própria um fator de integração. Trata-se de uma questão de integração simbólica, política e social da comunidade portuguesa na sociedade francesa (Pingault, 2004). Grande parte dos filhos de emigrantes portugueses – ou lusodes-

centes – já nasceram em França e não vivenciaram a migração enquanto tal. No entanto, o que é surpreendente é a semelhança das dificuldades encontradas pelas duas gerações, em particular uma certa vergonha de ser português e a dupla desvalorização do país de origem e da origem social dos pais (Carvalho, 1987; Cordeiro, 1997; Leandro, 1999, La Barre, 2003).

### **A diferença expressa na escrita de lusodescendentes**

Neste artigo, focaremos a nossa análise em dois romances escritos por lusodescendentes em França, designadamente Carlos Batista e Bernadette Ferreira. As duas obras em análise, *Poulailler* (Galinho<sup>14</sup>) e *Sur un air de Fado* (Com uma melodia de fado), escritas em francês por estes dois autores, filhos de emigrantes portugueses e publicadas, simultaneamente, em 2005, apresentam várias semelhanças, ainda que com modulações diferenciadas. De facto, revelam uma dupla pertença identitária, uma duplicidade, por vezes problemática e problematizada pelos dois narradores (um rapaz, António, e uma rapariga, cujo nome desconhecemos), que são capazes de questionar e reexaminar as identidades nacionais e culturais. É através dos seus diferentes pontos de vista que estes escritores exprimem o sofrimento causado pelo sentimento de exílio interior e o sentimento que o acompanha: o de “ser outro” (Marques, 2010, 2013, 2015, 2019).

Apesar da emigração maciça para França, durante a segunda metade do século XX, poucas são as obras que têm sido publicadas em França ou Portugal e, como afirma Mendes (2007), persiste ainda um “relativo silêncio artístico” em torno da experiência migratória na literatura.

---

<sup>14</sup> As traduções são nossas.

Estes dois romances, que têm fortes marcas autobiográficas, permitem romper esse mesmo silêncio e abordam, por vezes de maneira crua e violenta, a história da emigração portuguesa em França, através da representação de famílias dilaceradas. De facto, revelam ao leitor o sofrimento, a humilhação, o trabalho árduo dos pais, as condições precárias de chegada e de vivência em França, através do olhar de duas crianças, que são simultaneamente espectadoras e vítimas, não só dos seus progenitores como também da própria sociedade francesa.

Assim, estamos perante dois romances pungentes que expressam o sofrimento dos pais e dos narradores, através situações de vida concretas, reforçando a noção de perda – tanto de identidade como de língua – a que os diferentes personagens estão sujeitos. Assistimos, assim, à manifestação de diversos tipos de violência (física, moral ou sexual), através da qual os personagens perdem a sua essência e dignidade humana. Neste sentido, são evocadas as dificuldades da passagem a salto nas montanhas espanholas em direção a França:

« Le convoi devait sagement attendre l'ordre des passeurs espagnols. C'est eux qui décidaient de la nuit durant laquelle, en profitant de l'obscurité pour déjouer la vigilance des carabiniers, ils feraient passer les "peaux" portugaises de l'autre côté de la frontière. Elles restèrent plus de deux semaines stockées dans cette chambrée. » (Batista, 2005: 109-110).

(pt.) O carregamento tinha de esperar sossegadamente pela ordem dos passadores espanhóis. Eram eles que decidiam da noite em que, aproveitando a escuridão para enganar a vigilância dos carabineiros, levariam as "peles" portuguesas para o outro lado da fronteira. Ficaram guardadas nessa sala durante mais de duas semanas.

Também são evocadas, pelo narrador, as fracas condições de vida à chegada do seu pai a França, mencionando, de forma irónica, o passado glorioso dos descobrimentos portugueses (ver Pereira, 2017):

« En arrivant en France, les chaussures percées, ses vêtements en loques, mon père ressemblait au pavillon d'une caravelle revenant des Indes. Mais au lieu de déposer leur cargaison de peaux clandestines aux adresses prévues, [...] ils (les) parachutaient dans des terrains vagues aux portes de Paris. » (Batista, 2005: 112)

(pt.) Quando chegou a França, com os seus sapatos rotos, as suas roupas em farrapos, o meu pai parecia a bandeira de uma caravela que regressava da Índia. Mas em vez de depositarem a sua carga de peles clandestinas nos endereços designados, [...] eles (largaram-nas) em terrenos abandonados às portas de Paris.

É descrita a (des)ilusão do “Eldorado” francês, que, na realidade, apresenta condições inumanas de habitação, no meio das barracas:

« L'un d'eux les conduisit jusqu'à son Eldorado de baraques en tôles boueuses fréquentées par les rats. Ni chauffage, ni électricité, ni eau courante. Un vrai poulailler. » (Batista, 2005: 113).

(pt.) Um deles levou-os ao seu Eldorado de barracas de lata lamacentas cheias de ratos. Sem aquecimento, sem eletricidade nem água corrente. Um verdadeiro galinheiro.

Note-se a situação bastante precária da personagem, obrigada a mendigar para sobreviver:

« À son départ du Portugal, il n'imaginait pas qu'en se dérobant à son sort de soldat colonisateur, il aurait à subir celui de serf

colonisé. Après plusieurs semaines de mendicité, il finit comme manœuvre sur un chantier à Nanterre, près de l'université » (Batista, 2005 : 115)

(pt.) Quando deixou Portugal, não imaginava que ao evitar o seu destino como soldado colonial, teria de sofrer o destino de um servo colonizado. Após várias semanas de mendicidade, acabou como operário num estaleiro de construção em Nanterre, perto da universidade.

Como vimos através destes excertos, assistimos a uma forma de desumanização e violência para com os emigrantes portugueses que chegam a França. Os emigrantes deixam de ser eles próprios e são comparados a vagabundos, perdendo a sua dignidade.

A desorientação também é causada pelo confronto com uma realidade diferente da esperada, como podemos ver neste excerto:

« Elle avait débarqué à la gare de Bordeaux un soir avec un fils de sept ans sous un bras et une mère de quatre-vingts sous l'autre. Sans papiers. Elle avait donné toutes ses économies à différents passeurs, elle avait eu faim, froid et peur. [...] Le lendemain, son frère les transporta et les déposa, elle son fils et sa vieille mère dans une maison en terre battue, au milieu des bois. Il lui montra le travail de la vigne, lui donna une bêche, laissa un morceau de pain et du lard rance sur la table de la cuisine, partit et revint le soir ». (Ferreira, 2005 : 17-18)

(pt.) Tinha chegado à estação de Bordéus uma noite com um filho de sete anos debaixo de um braço e uma mãe de oitenta anos debaixo do outro. Sem papéis. Tinha dado todas as suas poupanças a vários passadores, tinha tido fome, frio e medo. [...] No dia seguinte, o seu irmão levou-os e depositou-os, ela, o seu filho e a sua mãe idosa numa casa de lama, no meio do bosque. Mostrou-lhe como trabalhar a vinha, deu-lhe uma pá, deixou um

pedaço de pão e um pouco de toucinho rançoso na mesa da cozinha, saiu e regressou à noite.

Estes emigrantes, provenientes de um meio rural extremamente pobre, mantêm-se em contacto com a terra, fonte de alimento e de trabalho em França. A mãe da narradora torna-se, assim, trabalhadora agrícola nas vinhas do sul de França, e os pais de António, caseiros, têm um galinheiro na vasta propriedade dos patrões. Com o passar do tempo, tornam-se imigrantes-modelos, trabalhadores, humildes, calados, submissos, passando despercebidos. Este estatuto de subserviência e subalternidade é criticado pelos seus filhos:

« Ils ont toujours tu, caché, dissimulé, les humiliations répétées, les vexations fréquentes, les fatigues endurées, les pleurs qu'engendrent le déracinement et l'exil, la honte d'être pauvres. Ils ont ravalé les cris de souffrance, ont courbé l'échine, ont travaillé d'arrache-pied, fait des enfants, construit leurs maisons. C'est à ce prix-là qu'aujourd'hui on peut lire des rapports sociologiques faisant l'éloge de l'intégration réussie des Portugais dans la société française » (Ferreira, 2005 : 19)

(pt.) Sempre mantiveram em silêncio, escondidos, dissimulados, os vexames repetidos, as frequentes humilhações, o cansaço suportado, as lágrimas causadas pelo desenraizamento e pelo exílio, envergonhados de serem pobres. Engoliram os seus gritos de sofrimento, curvaram as costas, trabalharam arduamente, tiveram filhos, construíram as suas casas. É a este preço que hoje podemos ler relatórios sociológicos elogiando a integração bem-sucedida dos portugueses na sociedade francesa.

Estes pais, habituados a viver num país ditatorial, querem também que os seus filhos sejam irrepreensíveis, que não causem problemas, que sejam trabalhadores e bem-integrados na sociedade francesa:

« Ma mère, mon oncle, mon frère furent des immigrés irréprochables. Il fallait l'être. Je l'ai compris très jeune, extrêmement jeune. Dès la première fois que je suis allée à l'école, j'ai senti qu'il fallait que je donne l'apparence d'une jeune fille appliquée, studieuse et gentille » (Ferreira, 2005 : 19)

(pt.) A minha mãe, o meu tio, o meu irmão foram imigrantes irrepreensíveis. Tinha de ser. Compreendi isto numa idade muito jovem, extremamente jovem. Desde a primeira vez que fui à escola, senti que tinha de dar a aparência de uma rapariga diligente, estudiosa e bondosa.

« Mon père tenait à ce que nos têtes soient identiques à celles des Français, il fallait se fondre dans la masse, ne pas détonner » (Batista, 2005 : 24)

(pt.) O meu pai queria que as nossas cabeças fossem idênticas às dos franceses, tínhamos de nos misturar, não nos destacar.

Estes pais rudes, que encarnam a vida rural, não conseguem tornar-se franceses, pois tudo nos seus gestos, nas suas atitudes e indumentárias denuncia o seu estatuto de imigrantes pobres, como vindos de outro tempo:

« Pourtant sur cette plage, au milieu des vacanciers à moitié dénudés, ils ressemblaient à deux péquenots mal dégrossis d'un autre temps » (Ferreira, 2005 : 72)

(pt.) No entanto, naquela praia, no meio dos veraneantes seminus, eles pareciam dois campónios grosseiros de outro tempo.

## **O sentimento de vergonha e a violência**

É evocada a vergonha sentida pelos filhos que os comparam a outras famílias, francesas:

« J'avais honte pour moi, j'avais honte de cette famille qui était la mienne ». (Ferreira, 2005 : 88)

(pt.) Tinha vergonha de mim própria, tinha vergonha desta família que era a minha.

A narradora compara a sua mãe com as mães de outras meninas, quando chega ao liceu, onde será interna, escola essa que, como ela própria afirma, lhe salvou a vida, pois afastou-a de uma família violenta que sempre a rejeitou:

« Elle avait eu raison, ma mère, la femme qui m'a élevée, de ne pas venir, de ne pas être là. Elle avait eu raison car elle aurait eu honte de sa peau burinée, de ses vêtements usés et endimanchés, de ses mains déformées par le froid et le travail dans les champs, elle aurait rougi, bégayé, elle se serait excusée d'être ce qu'elle était. J'aurais eu honte d'être la fille de cette mère qui n'était pas une madame et qui ne serait jamais qu'une femme, j'aurais rougi aussi, je me serais excusée aussi d'être la fille de cette femme-là qui jamais ne serait une madame ». (Ferreira, 2005 : 104-105)

(pt.) A minha mãe, a mulher que me criou, tinha razão em não vir, em não estar presente. Tinha razão porque teria tido vergonha da sua pele desgastada, das suas roupas gastas e adomingadas, das suas mãos deformadas pelo frio e pelo trabalho no campo, teria corado, teria gaguejado, teria pedido desculpa por ser o que era. Eu teria tido vergonha de ser a filha desta mãe que não era uma senhora e que nunca seria senão uma mulher, teria corado também, teria pedido desculpa também por ser a filha desta mulher que nunca seria uma senhora.

António compara o seu pai, trabalhador do campo, a elementos da natureza:

« Cette hargne pratique que j'admirais et détestais tant chez mon père, un ouvrier-paysan que me rappelait ces arbustes poussant au creux des rochers. » (Batista, 2005 : 69)

(pt.) Aquela dureza prática que tanto admirava e odiava no meu pai, um trabalhador do campo que me fazia lembrar aqueles arbustos que crescem nos buracos das rochas.

A esta pobreza, a esta vida no campo e este trabalho árduo junta-se a violência física, as humilhações constantes e a rejeição dos filhos. De facto, a narradora é, como é dito claramente na primeira página do romance, fruto de uma violação, e a sua mãe e o seu tio nunca deixaram de lhe mostrar o fardo e a vergonha que era para a sua família. Esta vergonha familiar é também partilhada por António que, quando é criança, sob a constante brutalidade do seu pai, reage urinando na cama, o que provoca os gritos e os insultos constantes do seu pai.

A questão da língua também é evocada, pois estes pais, que são quase analfabetos, não conseguem falar francês corretamente. Além disso, também o português é esquecido:

« J'ai très tôt saisi qu'elle, ma mère, n'avait pas les mots, ni la parole. Quand elle parlait, c'était un langage particulier, un langage d'immigrée, quelques mots en français, quelques mots en portugais, elle mélangeait les deux langues car elle ne savait plus. C'était une langue hybride. Elle avait oublié sa langue natale et n'arrivait toujours pas à maîtriser sa langue adoptive. Elle n'avait plus de langue propre, elle l'avait perdue sur les chemins de l'exil. (Ferreira, 2005 : 15)

(pt.) Compreendi muito cedo que ela, a minha mãe, não tinha as palavras nem o discurso. Quando falava, era uma língua particular, uma língua de imigrante, algumas palavras em francês, algumas palavras em português, misturava as duas línguas porque

já não sabia mais. Era uma língua híbrida. Tinha esquecido a sua língua materna e ainda não conseguia dominar a sua língua de adoção. Já não tinha uma língua própria, tinha-a perdido nos caminhos do exílio.

António evoca as dificuldades dos pais em verbalizar o seu discurso em francês:

« Graines de syllabes, gargouillis ventraux ou exclamation mentales, balbutiements de paroles qui semblent pressées de mourir dans l'ignorance et le mutisme où elles sont conçues, comme celles de mes parents lorsque je les entendais parler en français ». (Batista, 2005 : 17)

(pt.) Sementes de sílabas, gorgolejos ventrais ou exclamações mentais, palavras gaguejantes que parecem ter pressa de morrer na ignorância e mutismo em que são concebidas, como as dos meus pais quando os ouvia falar em francês.

O refúgio de António é o galinheiro, onde pode reproduzir a violência sobre as galinhas, como um galo jovem. No entanto, a escola e os livros são também refúgios para estes dois jovens:

« Je m'éloignais d'eux en absorbant le savoir, je fuyais cette médiocrité dans laquelle la survie les maintenait. Ils voulaient que je sois l'une des leurs, que je devienne comme eux. Je résistais en lisant obstinément » (Ferreira, 2005 : 61)

(pt.) Fugia deles absorvendo conhecimentos, fugia desta mediocridade em que a sobrevivência os mantinha. Eles queriam que eu fosse um deles, que me tornasse como eles. Eu resistia lendo teimosamente.

## Lusodescendência e alteridade

A escola é mal vista no seio das suas famílias e os narradores têm de ler às escondidas, na sua cama à noite ou nas latrinas no fundo do pátio.

Podemos ver que estes dois narradores tentam viver as suas vidas, à sombra de pais opressores e violentos. A escola, que é simultaneamente um lugar de conhecimento e de liberdade, é também um lugar de confronto social e racial, onde certos professores mostram algum desdém e racismo, como explica António:

« L'école où m'attendait la main baladeuse de la maîtresse, madame Sautois, qui chaque matin, en passant dans les rangs, me tirait les cheveux en me mitraillant de postillons : « Réveille-toi, petit Portos ». (Batista, 2005 : 23)

(pt.) A escola onde a professora, a senhora Sautois, me esperava com a sua mão a vagabundear, que todas as manhãs, ao passar pelas filas, me puxava o cabelo e me metralhava com gafanhotos: “Acorda, pequeno Portos”.

« Seulement quelques années plus tard, la facétieuse madame Sautois se réincarna sous les traits barbus de monsieur Gazeau, et Portos je redevins. » (Batista, 2005 : 25)

(pt.) Alguns anos depois, a jocosa Madame Sautois reencarnou-se sob as feições barbudas do senhor Gazeau, e voltei a ser Portos.

Assim, aos olhos da sociedade francesa, estes filhos de imigrantes, são vistos com maus-olhos, tratados de forma pejorativa por “Portos”:

« Les enfants étaient cruels, me traitaient de portos, de bâtarde, se moquaient de moi, mais je ne me biffais pas, non, je me taisais. » (Ferreira, 2005 : 20)

(pt.) As crianças eram cruéis, chamavam-me de portos, de bastarda, riam-se de mim, mas eu não protestava, não, ficava calada.

No entanto, ambos adquirem a nacionalidade francesa. Se, para a narradora, é graças à nacionalidade francesa que pode estudar e sair de casa, para António, esta nacionalidade é bem mais problemática:

« Du coup aujourd’hui, remplir mes propres papiers, inscrire des montants, cocher des cases, toujours le même chemin de croix, surtout face au formulaire de demande d’une carte nationale d’identité [...] Là, devant toutes ces cases censées définir mon degré de francisation, toujours le même malaise, la même honte d’être celui que je suis, et toujours cette peur de me tromper et d’entendre mon père vociférer : « À quoi ça a servi que je te paye l’école ? » (Batista, 2005 : 72)

(pt.) Assim, hoje, preencher os meus próprios papéis, inserir valores, assinalar respostas, sempre a mesma dificuldade, especialmente quando confrontado com o formulário de pedido de cartão de identidade nacional [...] Ali, diante de todas aquelas respostas que supostamente definem o meu grau de afrancesamento, sempre o mesmo mal-estar, a mesma vergonha de ser quem sou, e sempre este medo de cometer um erro e de ouvir o meu pai gritar: “Qual foi o sentido de eu pagar pela tua escola?”

Percebemos que António continua a sentir-se diferente. Apesar de nunca ter sido imigrante, sente que não pertence totalmente ao mesmo mundo dos outros. Como observa Sayad (2006), estes descendentes de imigrantes tornam-se “filhos ilegítimos” da sociedade francesa porque, por um lado, estão mergulhados na cultura do país em que foram educados e, por outro lado, sofrem da incompreensão dos seus pais.

Desta forma, os narradores entram em conflito com o modelo imposto pela sua família e, cada um à sua maneira, foge de um destino que lhe estava destinado:

« En France, un Arabe, ça finissait éboueur, docteur, ou sur l'échafaud. Un Portugais, ça ne finissait pas, ça naissait et mourait sur un échafaudage ». (Batista, 2005 : 89)

(pt.) Em França, um árabe acabava varredor, médico ou no cadafalso. Um português nunca acabava em nada, nascia e morria no andaime.

Na lógica dos pais, os filhos devem participar na economia familiar, trabalhando aos fins-de-semana e durante as pausas letivas, participando, assim, no esforço de “acumular as poupanças”, como é evocado por António:

« Mon père n'était venu en France que pour amasser le maximum de fric en un minimum de temps avec un maximum de cris. Alors les week-ends, pas question d'aller voir des copains (surtout français), il me fallait participer à l'accumulation du pécule en le rejoignant sur des chantiers où il travaillait au noir. » (Batista, 2005: 87)

(pt.) O meu pai só tinha vindo para a França para juntar o máximo de dinheiro num mínimo de tempo com o máximo de gritos. Então, aos fins de semana, estava fora de questão ir ver amigos (principalmente franceses), tinha de participar na acumulação da poupança juntando-me a ele nos estaleiros de construção onde ele trabalhava ilegalmente.

Os bens materiais são sobejamente almejados, como o demonstra este excerto:

« Mon rêve devait être le sien, faire de l'argent, construire une maison au pays, pour aussitôt repartir là où je me sentirai à mon tour en exil. Je devais vivre cagoulé, menotté à la matière, et traîner mon corps enguillotiné de l'esprit. [...] Tout loisir non manuel était suspect, à part bien sûr, remplir la paperasse ». (Batista, 2005: 87)

(pt.) O meu sonho tinha de ser o dele, ganhar dinheiro, construir uma casa em Portugal, para logo de seguida regressar onde eu me sentiria como um exilado. Tinha de viver encapuçado, algemado à matéria, e arrastar o meu corpo com a mente acorrentada. [...] Qualquer lazer não manual era suspeito, exceto, claro, para o preenchimento da papelada.

Por sua vez, a narradora rejeita o modo de vida da sua família:

« Pour moi, ils étaient des brutes dont le seul rêve était de travailler comme des brutes pour gagner de l'argent car l'argent c'est le pouvoir, c'est la richesse. Ils voulaient échapper à leur condition de misérables et rien d'autre n'avait d'importance ». (Ferreira, 2005 : 71)

(pt.) Para mim eram brutos cujo único sonho era trabalhar como brutos para ganhar dinheiro porque dinheiro é poder, é riqueza. Queriam escapar à sua condição de miseráveis e nada mais importava.

### **Alteridade e errância**

Nas duas obras, assistimos ao confronto entre o que é valorizado pela cultura dos pais e o que é valorizado pela cultura francesa, revelando uma incompatibilidade e um fosso cada vez maior. As dicotomias da matéria e do espírito dão expressão concreta a esta ideia.

O conflito entre as duas culturas aumenta quando António evoca a sua relação ambígua com a língua portuguesa. De facto, o narrador revela o desprezo ou/e apagamento sofrido pela língua portuguesa em França, que é considerada como uma língua estranha e silenciosa, sem existência, porque “não aparece nos livros”, uma ausência que é associada a um complexo de inferioridade:

« À l'école, j'apprenais le français comme les autres, j'apprenais une langue respectable. Tandis que la langue de mes parents trahissait leur condition de serviteurs j'en avais honte. Une déchéance confirmée par le fait qu'elle n'était pas enseignée au collège comme l'espagnol ou l'anglais. Une langue à part, ne menant nulle part. Si bien qu'à la maison, lorsque mes parents me parlaient en portugais, je m'obstinais à leur répondre en français, j'étais fils de larbins, mais pas un larbin ». (Batista, 2005: 17-8)

(pt.) Na escola, aprendia francês como os outros, aprendia uma língua respeitável. Enquanto a língua dos meus pais traía a sua condição de criados, tinha vergonha dela. Uma degradação confirmada pelo facto de não ser ensinada na escola como o espanhol ou o inglês. Uma língua à parte, que não levava a lado nenhum. De forma que, em casa, quando os meus pais me falavam em português, eu insistia em responder-lhes em francês, eu era filho de lacaios, mas não era um lacão.

Perante o silêncio e o apagamento da língua portuguesa, impostos pela cultura dominante, podemos destacar modos de existência divergentes. No caso de António, assistimos a uma tentativa de se conformar à cultura do “mesmo”, através de um processo de imitação e engano, pelo facto de fingir ser outra pessoa. quando vai visitar um pequeno apartamento para alugar:

« avec mon costume et mes faux papiers attestant de solides revenus, j'avais toutes les chances de passer pour un sur-Français (...)» (Batista, 2005: 114).

(pt.) com o meu fato e os meus documentos falsos que atestavam um rendimento sólido, tinha todas as hipóteses de passar por um sobre-francês.

Uma atitude que, para António, leva à terrível impressão de nunca estar à altura e de ter uma identidade estilhaçada, fragmentada, indicada por expressões como “me déconstruire pour paraître” (pt. desconstruir-me para parecer) (p. 92). Este sentimento de ser um “impostor” (p. 30) aponta para o hibridismo falhado do narrador.

A narradora, por sua vez, também se sente diferente dos outros, como à “margem”:

« J'étais à part. Pourquoi ? Quel était donc ce petit détail qui rendait toute communication réelle impossible ? C'étaient les mots. Je n'avais pas leurs mots, elles n'avaient pas les miens. [...] Nous ne pouvions pas nous comprendre ». (Ferreira, 2005 : 126)

(pt.) Estava à margem. Porquê? Qual era aquele pequeno detalhe que tornava qualquer comunicação real impossível? Eram as palavras. Não tinha as suas palavras, elas não tinham as minhas. [...] Não nos conseguíamos entender.

Assim, estes dois narradores, uma vez na idade adulta, são incapazes de ter uma vida estável e terem filhos. António, reprimido em criança, compara-se a um capão, castrado e impotente, e a narradora afirma que nunca terá filhos e nunca casará, apesar de ter múltiplos amantes. Desta forma, a transmissão parece impossível, como se uma infância infeliz impedisse a realização adulta e a conclusão de uma vida.

« J'avais six, sept, huit ans et j'étais déjà vieille de mille ans. Les jeux de l'enfance, la légèreté et l'innocence n'ont jamais fait partie de mon répertoire. » (Ferreira, 2005 : 17)

(pt.) Eu tinha seis, sete, oito anos e já era velha de mil anos. Os jogos da infância, a leveza e a inocência nunca fizeram parte do meu repertório.

O sentimento de desgaste, de perda de inocência é, assim, referido pela narradora, quando evoca a sua infância.

### **Conclusões**

Como vimos, através da nossa análise, as duas obras aqui consideradas constroem e revelam uma experiência negativa de emigração, muitas vezes omitida e silenciada. Estas duas vozes, lusodescendentes, são verdadeiras expressões de confronto, pois denunciam a violência do ambiente de origem e a rejeição do país de acolhimento. Espelham identidades estilhaçadas, pois expressam alegria e tristeza, raiva e fascínio, medo e esperança; são expressões de paradoxos. Estas duas obras focalizam, a partir do seu olhar particular, a fragmentação do sujeito, a errância, a problemática da identidade e da alteridade, assim como o sentimento de deslocamento físico e psicológico das personagens principais (Sibony 1991), à semelhança da afirmação de Kristeva, quando compara o sentimento de exílio interior com uma “ferida secreta, que geralmente o próprio estrangeiro desconhece, e que projeta o estrangeiro na errância” (Kristeva, 1988: 13, tradução nossa).

Esta literatura migrante é desencadeada pelo deslocamento e/ou pela sensibilidade para o confronto com o Outro através do qual o Eu se emancipa da sua identidade, fazendo a passagem para um Outro. Esta escrita revela a identidade compósita destes

dois autores, carregada de uma herança cultural e familiar que se mescla a do país de acolhimento. Desta forma, estes dois romances são profundamente marcados pelas experiências dos seus autores, refletindo os mesmos sonhos e esperanças, as mesmas ansiedades e preocupações, exprimindo a mesma raiva e tristeza. As histórias de vida, os temas da vergonha, da perda, da busca de identidade, assim como a crítica social são os principais temas evocados por estes dois autores.

### Referências bibliográficas

- BATISTA, Carlos (2005). *Le poulailler*. Paris: Albin Michel. ISBN 9-782226-167262.
- LA BARRE, Jorge de (2003). Lusodescendant : le terme en questions. *Recherches en Anthropologie au Portugal*. ISSN 1240-3474. n° 9, pp. 13-22.
- BONN, Charles (dir.) (1996). *Littératures des Immigrations. Tome 1: Un espace littéraire émergent*. Paris: L'Harmattan. ISBN : 2-7384-3789-3.
- CARVALHO, Sebastião (1987). Les étudiants portugais en France et la communauté portugaise immigrée. *Hommes et Migrations*. ISBN: 2262-3353. n° 1108, pp.70-74.
- CORDEIRO, Albano (1997). Identité française et jeunes d'origine portugaise. In: *Les familles portugaises et la société française*. Paris: Interaction France-Portugal/Éditions W. ISBN: 978-9728130305, pp. 37-42.
- DELBART, Anne-Rosine (2010). Littératures de l'immigration: un pas vers l'interculturalité ?, *Carnets: Revue électronique d'études françaises*. [Acedido a 12 de nov. de 2020]. Disponível na Internet: <https://journals.openedition.org/carnets/5006>.
- DECLERCQ, Elien (2011). « Écriture migrante », « littérature (im)migrante », « migration literature » : réflexions sur un concept aux contours imprécis. In: *Revue de littérature comparée*. ISSN: 0035-1466. 3, n° 339. pp.301-310.
- FERREIRA, Bernadette (2005). *Sur un air de Fado*. Poisy: La main multiple. ISBN 9-782912-058591.
- HAREL, Simon (2005). *Les passages obligés de l'écriture migrante*. Montréal: XYZ. ISBN: 978-2-89261-424-4
- KRISTEVA, Julia (1988). *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard. ISBN 9-782213-021775.
- LARONDE, Michel (1993). *Autour du roman beur : Immigration et Identité*. Paris: L'Harmattan. ISBN : 2-7384-1310-2
- LEANDRO, Maria-Engrácia (1999). Les jeunes Portugais et les enjeux de la dénomination. *Migrations Société*. ISSN 0995-7367, 61, janvier-février. pp. 105-116.

- MARQUES, Isabelle Simões (2010). Plurilinguisme et immigration dans la littérature portugaise contemporaine. In: *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Berlin-New-York: De Gruyter. ISBN: 978-3110231922. Tome I, pp. 421-430.
- \_\_\_ (2013). A literatura como espelho das migrações entre Portugal e França: análise de interferências e variações linguísticas. In: *Portugal pelo mundo disperso*. Lisboa: Tinta-da-China. ISBN : 978-989-671-165-8. pp. 319-332.
- \_\_\_ (2015). Insularité et insécurité dans *Les silences de Porto Santo* d’Alice Machado. *Carnets : Revue électronique d’études françaises*. [Acedido a 22 de nov. de 2020]. Disponível na Internet: <https://journals.openedition.org/carnets/1471>.
- \_\_\_ (2015). Quando a literatura retrata a emigração portuguesa em França: o caso de Nita Clímaco. In: *A Vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações*. Lisboa: Edições Colibri. ISBN: 978-989-689-449-8. p. 45-56.
- \_\_\_ (2015). Entre le centre et les marges ou les enjeux de l’interlangue dans la littérature migrante portugaise d’hier et d’aujourd’hui. In: *(Se) construire dans l’interlangue : perspectives transatlantiques sur le multilinguisme*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion. ISBN : 978- 2- 7574- 0879-7. p. 129-143.
- \_\_\_ (2019). Distanciamento e bilinguismo em romances portuguesas sobre a emigração. In: *Discurso(s) de Cumplicidade(s) Homenagem a Fernanda Menéndez*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus. 2019. ISBN: 978-989-755-318-9. p. 279-295.
- MATOZZI, Martina (2019). *De torna-viagem. A emigração na literatura portuguesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. ISBN: 978-989-658-576-1.
- MENDES, Ana Paula Coutinho (2003). Ficções de luso-descendentes e identidades híbridas. In: *Cadernos de Literatura Comparada*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. ISSN: 2183-2242. p. 27-49.
- \_\_\_ (2005). O português migrante: uma leitura da revista Peregrinação. In: *Cadernos de Literatura Comparada Literatura e identidades*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 8/9. [Acedido a 15 de set. de 2020]. Disponível na Internet: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4521.pdf>
- \_\_\_ (2007). Corps d’exil. Quelques configurations chez des auteurs portugais ou d’ascendance portugaise. In: *Actes du colloque international Temporalités de l’exil*. Montréal: Université de Montréal. [Acedido a 10 de set. de 2020]. Disponível na Internet: <http://www.poexil.umontreal.ca/events/colloquetemp/actes/coutinho.pdf>
- MUÑOZ, Marie-Claude (1999). Des “Tos” aux “Lusodescendants”. L’identité des enfants d’immigrés portugais revisitée. *Latitudes - Cahiers Lusophones*. ISSN 1285-0756. n° 5, pp. 7-8.
- PEREIRA, Victor (2017). La mémoire de l’émigration portugaise : une mémoire de héros ?. In: *Hommes & migrations*. 1317-1318. [Acedido a 04 de jan. de 2020]. Disponível na Internet: <http://journals.openedition.org/hommesmigrations/3867>
- PINÇONNAT, Crystel (2000). Littérature d’immigration, une notion géocritique bien fondée ?. In: *La géocritique mode d’emploi*. Limoges: Pulim. ISBN: 2-84287-140-5 p. 75-92.
- PINGAULT, Jean-Baptiste (2004). Jeunes issus de l’immigration portugaise: affirmations identitaires dans les espaces politiques nationaux. In: *Le mouvement Social*. ISSN: 0027-2671. 4, n° 209. pp.71-89.

- ROBIN, Régine (1998). *Golem de l'écriture. De l'autofiction au cybersoi*, Montréal, XYZ, 302p.
- SAYAD, Abdelmayek (2006). *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. 3 volumes, Paris: Raisons d'Agir. ISBN 978-2912107701.
- SIBONY, Daniel (1991). *Entre-deux. L'origine en partage*. Paris: Éditions du Seuil. ISBN 978-202013-0530.
- SPIVAK, Gayatri (2009). *Les subalternes peuvent-elles parler ?* Paris: Éditions Amsterdam. ISBN 978-2-915547-28-3.
- VIEIRA, Marie-Isabelle (2012). *Regards croisés francophones et portugais: les images des Portugais dans la littérature romanesque contemporaine (1950-2000)*. Paris: Université de Paris Ouest – Nanterre la Défense. Dissertação de Doutorado.